

Uma Luta Transnacional Contra o Racismo, o Neocolonialismo e o Genocídio: Pegar nossa história pelas mãos e demolir o que reduz nossa humanidade

Nós da Reaja estamos há muito tempo lutando contra o Poder. Porque o que nós negros temos que fazer no Brasil é lutar POR PODER. Nossa luta é para que possamos apresentar nossa alternativa de poder para o Brasil que é um país de maioria negra mas que há séculos se estrutura por uma lógica de supremacismo branco.

Mas se você quer lutar por poder e você é oprimido ou oprimida por um poder colonial que te nega a ideia de humanidade plena, você tem que antes lutar CONTRA O PODER, não aceitar qualquer migalha, distinção ou banquete, cargos subalternos como se fosse poder, isso não é poder é uma MIRAGEM DE PODER Então a REAJA LUTA CONTRA O PODER.

Não seguimos essas montagens de discursos sobre periféricos, pobre e classe tão caro aos burocratas dos partidos, aos intelectuais socialistas, quando ouvimos esse barato de negro e periférico, já vemos o anzol armado para incluir os brancos que fracassaram dentro do privilegio de serem donos de tudo, mas fazem progresso em nossas quebradas nos explorando, são os donos dos empreendimentos, das ONGs, dos mercados, da casa de material de construção, das bocas, dos negócios em nossas comunidades. Fazemos a Marcha Contra o Genocídio do Povo Negro e “Ponto” fazemos uma luta contra o poder de supremacia branca onde quer que ele se instale, no partido, na quebrada, no boteco ou no blog de gente bem intencionada, porque QUEREMOS PODER, então jamais iremos lutar por/com qualquer governo branco de esquerda ou direita, que tenha operários ou mulheres como fantoches do supremacismo branco, porque esses governos são inimigos históricos e pilotam a máquina de guerra da supremacia branca. Lutar para defender esses governos é fazer o jogo do feitor que se importa mais com sua sobrevivência, sem dignidade se voltando contra os seus. Nosso discurso é de maioria e queremos unidade entre nós, quem fica correndo atrás de unidade com quem financia nossa desgraça deve procurar tratamento pois padece de um mal, dessa cordialidade cristã que só os pretos cristãos praticam, os brancos cristãos e ateus por mais que sorria pra você não te passa a chave dos negócios.

Lutamos contra essa governamentalidade que incide sobre nossa vida negra desprotegida, que alicerça por decretos e editais o projeto de Estado visando nossa eliminação (projeto de lei e ordem que coloca o Exército Brasileiro ocupando a favela da Maré no Rio de Janeiro, Governo Dilma Rousseff, ou os aplausos do Governo a morte de 12 Jovens na Bahia, Governo Rui Costa). Fazem parte de um projeto transnacional, que visa a vida negra, a vida dos africanos e seus descendentes, visa a nossa humanidade, crendo em nossa humanidade de 2ª categoria. Seguem operando um holocausto sem que a lei nos proteja, sem quem ninguém se importe e, se ninguém se importa...Vamos lutar, não sentar sorrindo a mesa do opressor.

O corpo negro é um corpo visado, um corpo etiquetado, um corpo mercadoria que pode ser disposto e eliminado quando o mercado não mais puder lucrar, ou quando o mercado lucra com nossa desgraça (como o encarceramento em massa de pretos e pretas) isso é um hábito antigo, um comportamento que resiste no Brasil como se não existisse lapso temporal entre a escravidão e a realidade que vivemos no presente. Assim esse corpo não humano pode ser eliminado sem que se importem e com a

paciência de alguns que esperam de projetos fora de nossa experiência civilizatória e nosso repertório de luta e sofrimento uma salvação, todos que esperam a liberdade e a redenção de quem historicamente nos oprime, escraviza e mata, estão mergulhados numa mentalidade de escravos, sujeitados, emparedados.

É sobre humanidade que falamos aqui e da insistente ação racista e neocolonial de nos destituir de nossa humanidade gerando mortes e sequelas, campos de concentração nos territórios onde moramos, onde mora a maioria, para nós está instituído um Estado de Direito Penal. Os negros e negras são obrigados a andar com documentos pelas ruas do Brasil, você precisa de um passe Racial para circular pelas ruas de Salvador, pelos becos que são idênticos às zonas destinadas aos negros e às negras da África do Sul do Apartheid.

Você cria um ódio, você cria uma carga emocional e vai juntando marcas no corpo por conta das agressões dos policiais nas abordagens violentas, cicatrizes de tiros e o medo, o pânico, o assombro, o alcoolismo, o abuso de drogas, doenças próprias de quem vive em guerra. Sequelas.. Vejamos o que nos explica a Dra. Andreia Beatriz Coordenadora Internacional da Quilombo Xis e da Campanha Reaja.

“Sequela significa sequência, continuação. Do latim “sequela” que é o “ato de seguir”. Sequela é um substantivo feminino que indica o resultado, a consequência. Na área médica, sequela é qualquer lesão anatômica ou funcional que permanece depois de completada a evolução clínica de uma doença, ou de um acidente traumático. São consequências que trarão dificuldades para o indivíduo afetado. ”

Os traumas que temos acumulado coletivamente em nossa sociedade são profundos e tem gerado sequelas tão graves que precisamos de muita ação radical coletiva para nos curarmos, a nossa primeira tarefa é nos reconhecer enquanto povo, num território hostil, com anseios de libertação. Tem o caráter transnacional porque transacional é a violência que nos atinge e os mesmo sujeitos que se beneficiam de nossa desgraça operam aqui no quintal do Texas, no Brasil, na Espanha, Colômbia, Peru e em África, não importa o território se você é uma pessoa africana você está na mira.

Para Nós da Campanha Reaja o Pan-africanismo é a bandeira que trará nossa liberdade em qualquer lugar da Diáspora. Para concretizar essa ação a Reaja, foi pensada do fundo de uma cela em Salvador, tomou os bairros mais pobres , articulou um movimento de amor entre pessoas que resolveram que falaríamos por nós mesmos, que lutaríamos por justiça e memória por nossos mortos, colocamos nossos mortos nos ombros e começamos a politizar nossa morte e denunciar nossa eliminação o que aborreceu muitas ONGs, os Partidos e os governos porque não puderam mais lucrar com nossa dor, sorrir em nossas manifestações, fazer de nossa desgraça moeda de troca eleitoral. Entendemos que podíamos fazer por nós mesmo. Ai o Candidato de 2016 enlouquece, porque vamos alertar nosso povo sobre o perigo das eleições para nós que somos eliminados como baratas e eles não fazem nada com suas emendas, congressos e discursos.

O Estado não existe na prática nos locais onde vivemos, assim nós operamos com solidariedade e nosso grito se espalhou e ganhou os Estados Unidos, Espanha, Venezuela, Colômbia, Peru, nos tornamos um movimento internacional de libertação. A Marcha Contra o Genocídio do Povo Negro não é apenas quando tomamos as ruas, sem dinheiro de governo, sem membros de governo nos insultando com discursos hipócritas, a marcha não é só aquele momento de disciplina em que colocamos os mortos em nossa contenção e enfrentamos a polícia e os racistas que em silêncio nos observam caminhar por nossos mortos. Nossa Marcha é permanente pelos subterrâneos das cidades. Sem CUT, “sem porra de twitter e facebook”.

Estamos falando em Projeto de poder, em reconstruir nossa humanidade, estamos dizendo que temos que pensar em nossa economia que ela seja solidária e que opere em solidariedade para nossas mães vitimadas pelo Estado (por isso criamos um fundo de apoio da Reaja, um Banco de investimento em luta radical), produção de conhecimento de nossa história local e no mundo (por isso temos um círculo de formação Pan-africanista que circula as cidades onde existem nossos núcleos avançados de luta); Comunicação e difusão de nosso pensamento, produção cultural e produção acadêmica (criamos o Jornal Assata Shakur Comunicação Militante resgatando nossa imprensa negra, impressa mesmo).

A Reaja está fundando uma teoria de auto defesa: A Teoria Geral do Fracasso porque não queremos sucesso para Meia Dúzia. Queremos poder e poder para todo mundo, queremos prazer, queremos felicidade, mas no momento estamos enterrando corpos e preparando uma Marcha Mundial Contra o Genocídio, no momento não dá para ter afetação, no momento não podemos dispersar energia fazendo selfies e autopromoção, ou respondendo insultos por redes sociais no momento temos que acumular forças nos NÚCLEOS AVANÇADOS DE LUTA, criando ação cultural comunitária e fortalecendo nossos territórios com economia, educação e memória.

Vejam o que fala Fred Aganju, nosso Comando ostensivo da Reaja em Cachoeira Bahia:

“A primeira questão é conjuntural e interna, do ponto de vista da política racial comunitária. É importante ser dito que desde a fundação da Campanha Reaja afirmamos que a nossa luta está para além da conjuntura. Com isso dizíamos que a constante brutalidade policial em territórios socio-racialmente apartados; o encarceramento em massa de negros\as por uma política criminal racialmente seletiva; o terror racial protagonizado por grupos de extermínio em favelas e os altos índices de assassinatos de jovens negros por ação ou omissão do Estado fazem parte das engrenagens de um projeto civilizacional supremacista branco, que reservava apenas submissão ou morte para negros\as: Genocídio.”

E ele Continua:

“De fato as famílias são as unidades básicas de direção política de nossa organização. Para muitos essa característica é um equívoco, um erro estratégico, ou mesmo personalismo político. Não nos importa, 'gosta de nós? Tanto faz, tanto fez' (RACIONAIS MCS). Para nós, o fato da articulação comunitária partir da unidade familiar confirma nossa identidade ideológica filiada ao Pan-africanismo Comunitário, Garveísta na organização e Panterista na ação. Estamos fora do alcance dos radares organizativos do supremacismo branco de quaisquer colorações ideológicas, ou mesmo dos nossos primos, que se sentem importantes, sabidos e intocáveis por lerem algumas linhas em inglês de Maulana Karenga. Nós não somos um Movimento de quadros, muito menos de uma intelectualidade negra iluminada, que com muita empáfia sentem-se no direito divino manifesto de decidir o melhor para os pretos\as. Entendam e nos deixem em paz de uma vez por todas: a Reaja é uma instituição familiar negra com toda delícia e dor do significado”.

A Reaja não é uma organização Juvenil, não é ONG, não é fórum ou frente é uma organização, panafricanista, quilombista, malokeira, do contra, de combate e baseada na solidariedade, a Reaja não teme a morte porque convive com a morte permanentemente, essa morte cruel, fora do tempo determinado pelo nosso destino ancestral, essa morte do Estado, Tanatus de uniforme e coturno a serviço dos porcos poderosos que manipulam nosso medo, nossa ignorância para nos manter subalternos.

Ai que reside o perigo que a Reaja representa: NÓS COMBATEMOS O MEDO, A IGNORÂNCIA. A Campanha Reaja, não inventou nada de novo, herdamos. Não recusamos nossa tarefa histórica de agir, Reaja é agir em grupo, é criatividade

militante com os recursos ancestrais disponíveis, é ligação civilizatória, com Abuy Nfubea na Espanha, Christian Smith no Texas, Ismail Shabazz em Nova York, Meirinha em Cabula, Aline, Jamile, Vitor, Thembi. E a unidade entre os pretos é uma exigência política para que tenhamos unidade política com quem quer que seja, sem unidade entre nós, respeito entre nós, solidariedade entre nós, se nós pretos não nos protegemos, não podemos buscar unidade e proteção em lugar algum.

Esse ato, esse desejo de apagar nossa ancestralidade, os traços que nos une enquanto povo, esse desejo de certa esquerda em nos diluir em uma luta geral, são um outro traço do supremacismo branco que quer estar sempre no comando. Quer falar de unidade “tru”, pode PÁ, mas para de ser ramelão, cola na bolinha do olho, fala de frente e entende que toda essa merda da casa grande nós recusamos e temos um bonde tão pesado que não dá pra falar em nós com esse rotulo de isolamento, tamo ligando as lutas no mundo enquanto os integracionistas ficam em ladainha de facebook. É Caroline Amanda Comando Vital da Reaja no Rio de Janeiro que nos fala:

"No momento histórico supracitado, o período da Constituição de 1824, a autopreservação da diáspora africana era a ordem do dia. Mulheres e homens negros estavam em intrínseca unidade, de norte a sul do país. Sabinada, Balaiagem, Cabanagem, Revolta dos Malês, essa última, liderada por uma mulher negra, Luiza Mahin. Tal realidade nos tornava inimigos inconciliáveis da supremacia branca no Brasil. Bem como, o 'fantasmagórico' HAITIANISMO, o maior atentado contra a sanidade da aristocracia latino-americana. Em todos os levantes e na Revolução Haitiana estávamos em unidade ombro a ombro, pela auto preservação, liberdade e para reerguer a dignidade do povo negro. Através de todos os meios necessários: ginga, "arapucas", furtos, sequestros, venenos, magias, lanças, espadas, machados. Todos os meios pensados, produzidos e operados por mulheres e homens de todas as idades".

Assim encerro essas ideias, que se constituem em uma teoria que estamos construindo em nossas ações com a fala de Gilza Marques, nosso comando Vital em Brasília-DF falando um pouco de nosso conceito de nação e nosso orgulho em sermos Afrikanos/a.

"As mesmas pessoas que questionam o pan-africanismo, tem fotos dos Panteras Negras nos seus perfis. E eles eram o que, amores? Eles, assim como Malcom X, reconheciam-se enquanto afrikanos nos EUA (pelamor, vão ler o que os mano e as mina escreveram!). Por incrível que pareça, a identidade que você assume determina seu foco na luta anti-racista. Eu não disputo o Brasil, nem o rótulo de brasileira: EU NÃO RECONHEÇO ESSA NACIONALIDADE DE SEQUESTRO. Eu não acredito em "políticas públicas de promoção da igualdade racial", eu não acredito em remendo. A bandeira do Brasil, suas cores, suas instituições, representam a vitória do colonialismo sobre nós. O Estado brasileiro é a vitória do colonialismo sobre nós. Eu acredito é no FIM desse Estado. Eu quero um Estado de Poder Negro (que é diferente de um estado branco com negros no poder). É pra isso que eu milito, com total consciência de que eu não vou ver isso, mas sei que outros irmãos e irmãs vão dar continuidade a esse legado, até quando o dia da nossa libertação chegar". Tendeu, leu, anotou... A Reaja é Escola e segue lutando!

**Hamilton Borges dos Santos (Walê)Quilombo Xis Ação Cultural Comunitária
Campanha Reaja ou Será Morta, Reaja ou Será Morto**